

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

Indicadores de DESEMPENHO

**Dados referentes ao mês de
Outubro de 2025**



Indicadores Industriais

Vendas

Os indicadores de outubro consolidam um cenário de retração sistêmica da demanda. O recuo mensal (-5,61%) nas vendas reais, incluso o setor sucroenergético, não é um evento isolado, mas sim uma redução do consumo que já acumula perda de 11,66% no ano. A comparação interanual, com uma queda de 23,62%, evidencia uma condição mais severa do que o registrado no mesmo período do ano anterior.

Pessoal Empregado

A redução de 12,75% no pessoal empregado em apenas um mês sinaliza desligamentos e uma possível tentativa de adequar a capacidade operacional de baixa demanda e alta base de comparação em setembro no setor sucroenergético. Simultaneamente, o pessoal empregado recuou 10,83% no acumulado do ano.

Horas Trabalhadas

Enquanto as demissões foram massivas, as horas trabalhadas registraram uma leve alta de 0,95% no mês e 1,22% no ano. Essa assimetria sugere uma possível intensificação da produtividade da mão de obra remanescente.

Custo das Operações Industriais

Pelo lado da oferta, observa-se uma rigidez estrutural nos custos. Ainda que o mês tenha apresentado um alívio marginal (-0,49%), isso é insuficiente para compensar a pressão acumulada de alta de 23,52% no ano. O descompasso entre custos elevados no ano e vendas, incluso o setor sucroenergético, sugere uma compressão das margens de lucro e a deterioração financeira das indústrias.

Remunerações Pagas

A massa salarial real sofreu uma retração aguda tanto na margem mensal (-7,12%) quanto na comparação anual (-11,84%). O acumulado do ano, agora negativo em 10,73%, indica uma perda significativa de renda real, o que tende a restringir ainda mais o consumo das famílias ligado ao setor.

Utilização da Capacidade Instalada

A Utilização da Capacidade Instalada ficou estável em 66% em outubro de 2025, na comparação com setembro, exceto os dados do setor sucroenergético.

Resumo Executivo

Em outubro de 2025, as vendas industriais, incluso o setor sucoenergético, registraram queda de 5,61% na margem e reforçaram o resultado negativo do ano para -11,66%, evidenciando um enfraquecimento estrutural do consumo. Pelo lado da oferta, as indústrias enfrentam um descompasso financeiro, embora tenha havido uma leve correção deflacionária mensal de 0,49% nos custos operacionais, a alta acumulada de 23,52% no ano continua comprimindo as margens do setor. Em resposta a esse cenário de vendas em queda e custos elevados, possivelmente as empresas realizaram um ajuste na força de trabalho, desligando 12,75% do pessoal empregado que transbordou em uma redução de 7,12% na massa salarial. Contudo, observa-se uma divergência na produtividade, visto que as horas trabalhadas cresceram 0,95%, sugerindo que, apesar das demissões, a indústria está mantendo as operações com um quadro mais enxuto.

O comportamento da indústria mundial em outubro de 2025 rompeu a expectativa de uma desaceleração sincronizada, revelando, em vez disso, uma **profunda desconexão entre as grandes economias**. Enquanto os Estados Unidos demonstraram uma resiliência impulsionada pela demanda doméstica, a Ásia e a Europa enfrentaram dificuldades para converter estímulos e estabilidade em crescimento robusto. De acordo com o J.P. Morgan Global Manufacturing PMI, **o mês encerrou com leve alta, sustentada quase inteiramente pelo setor de serviços, mascarando a fragilidade dos fluxos de comércio internacional**. Nos Estados Unidos, segundo dados do S&P Global US Manufacturing PMI, o setor acelerou para 52,5 pontos, impulsionado por uma expansão de novas encomendas internas que compensou a queda nas exportações. No entanto, o índice ISM Manufacturing, no contraponto, registrou 48,7%, **marcando o oitavo mês consecutivo de contração**. Essa divergência sugere que, embora a produção física e a demanda de curto prazo estejam aquecidas, **o cenário continua instável pela incerteza tarifária**. Na China, o índice Caixin/S&P Global, focado no setor privado, desacelerou para 50,6 pontos, refletindo o impacto do feriado da Golden Week e uma demanda externa frágil. Por sua vez, a Zona do Euro, segundo dados do HCOB Eurozone Manufacturing PMI, o indicador atingiu 50,0 pontos, saindo de uma retração conjuntural.

No cenário nacional, **a indústria brasileira apresentou estabilidade (0,1%)** em outubro na comparação com setembro (série com ajuste sazonal), interrompendo a queda registrada no mês anterior, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diferente do otimismo observado na comparação interanual de setembro, **o setor registrou recuo de 0,5% frente a outubro de 2024**, revertendo a trajetória positiva e sinalizando que a base de comparação se tornou mais desafiadora neste início de quarto trimestre. No acumulado de janeiro a outubro de 2025, **a produção industrial desacelerou 0,8%, enquanto a variação dos últimos 12 meses comprimiu-se 0,9%**, evidenciando uma perda mais acentuada do que a

observada no fechamento do terceiro trimestre. A análise qualitativa do período, corroborada pelos dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), aponta para uma disfuncionalidade entre produção e vendas à medida que **o faturamento real da indústria caiu 2,7% e o emprego recuou 0,3%** em outubro, marcando o terceiro mês consecutivo de retração nos indicadores. Tal conjuntura reforça possíveis obstáculos estruturais severos, operando em um ambiente monetário restritivo com a Selic em patamar elevado de 15,00% ao ano. Esse cenário demanda prudência nos investimentos e restringe uma recuperação consistente, transformando a resiliência anterior em um quadro de estagnação técnica com viés de baixa.

O desempenho da indústria alagoana em outubro de 2025 caracterizou-se por um realinhamento do setor produtivo, em resposta às assimetrias observadas no comércio internacional, moldado tanto pelas barreiras comerciais externas, quanto pela rigidez da política monetária doméstica. A indústria demonstrou resiliência ao mitigar a exposição à volatilidade externa, priorizando a liquidez e a demanda do mercado interno por meio de ajustes na alocação de fatores de produção. No segmento sucroenergético, observou-se uma mudança na priorização de novos mercados, face ao recrudescimento das barreiras tarifárias norte-americanas e da pressão sobre as commodities agrícolas globais. As unidades produtoras restringiram a produção de açúcar para exportação, cujos envios

para os EUA caíram cerca de 60% no acumulado do ano, e direcionaram a moagem para o etanol. A projeção de produção do biocombustível saltou mais de 23% para atender à frota doméstica, enquanto o excedente de açúcar foi redirecionado para mercados não tradicionais, como, por exemplo, a Argélia, resultando em uma queda nas receitas de exportação do estado. Paralelamente, especialmente as indústrias químicas e de plásticos beneficiaram-se com a importação de insumos e resinas favorecida pelo câmbio e pelas tarifas. A demanda neste segmento foi blindada da crise de consumo pelo avanço das obras de saneamento básico, que continuaram a exigir tubos e conexões de PVC independentemente do cenário macroeconômico. No que tange à Construção Civil, o cenário evidenciou a sensibilidade do setor ao ciclo de aperto monetário, considerando Selic a 15,00% a.a. O segmento imobiliário residencial registrou desaceleração nos lançamentos verticais, reflexo do encarecimento do funding e da cautela na demanda privada. Em contrapartida, a atividade das construtoras foi sustentada pela execução de projetos de infraestrutura pública e turística, que independem das condições de crédito de mercado. Transversalmente, a disponibilidade de Gás Natural a preços competitivos atuou como um diferencial comparativo, preservando a eficiência energética das plantas industriais locais.

De acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), nos dez






primeiros meses de 2025, **as exportações alagoanas totalizaram US\$ 646,2 milhões, registrando uma retração de 5,2% em relação ao mesmo período do ano passado.** Alagoas encerrou o mês de outubro de 2025 registrando um **saldo negativo na balança comercial**, com o volume de importações superando significativamente as vendas externas do estado. Nas exportações, Alagoas movimentou US\$ 53,6 milhões e, mesmo que esse valor represente uma recuperação em relação ao mês de setembro, ele consolida uma **queda de 34,87% quando comparado a outubro de 2024.** Como tal, o desempenho foi impactado por fatores externos, notadamente as barreiras tarifárias impostas pelos EUA, que reduziram drasticamente os envios de produtos açucareiros. Para compensar esse cenário, a pauta exportadora concentrou-se no setor sucroenergético, com o açúcar e melaios respondendo pela maior parte da receita, escoada principalmente para novos mercados, como Singapura, Canadá e Geórgia. Do lado das importações, **o estado manteve um ritmo acelerado de compras, estimadas em cerca de US\$ 110,6 milhões, computando uma alta de (18,7%) em relação a outubro de 2024.** Esse fluxo foi impulsionado pela sazonalidade da agricultura, com forte demanda por adubos e fertilizantes para a safra da cana-de-açúcar, além da aquisição contínua de gás natural.

No tocante à ampliação do parque industrial, em outubro de 2025, destaca-se a inauguração da nova linha de produção da fábrica da Bauducco, em Rio Largo, com investimento de quase R\$ 10 milhões. A expansão gerou um incremento de aproximadamente 70 novos postos diretos, elevando o quadro da unidade de 160 para 230 colaboradores. No acumulado do ano, o estado conta com a aprovação de incentivos para 16 grandes empresas pelo CONEDS. O volume total de investimentos atraídos ultrapassou a marca de R\$ 5,2 bilhões, impulsionado significativamente pela instalação da fábrica do Grupo Maratá no município de Pilar com investimentos de R\$ 400 milhões. A política consolidou a concessão de aproximadamente R\$ 859 milhões em incentivos fiscais que aponta para a criação de mais de 2.270 novos postos de trabalho (diretos e indiretos), alcançando 12 municípios no total.

Em relação ao comportamento dos outros indicadores, destaca-se que o emprego industrial apresentou queda de 12,75% frente a setembro, face à alta base de comparação anterior devido às contratações do setor Sucroenergético. Em outra base de comparação, segundo o Caged/MT, referentes a outubro de 2025, **Alagoas alcançou a segunda maior alta percentual de empregos formais em todo o Brasil e a liderança na região Nordeste, com crescimento de 0,97%.** O estado encerrou o mês com um **saldo positivo de 4.657 vagas de trabalho com carteira assinada**, fruto da diferença entre 19.504 admissões e 14.847 desligamentos. A magnitude deste crescimento foi liderada pelo setor de Serviços, que, impulsionado pelo turismo e pela preparação para as festas de fim de ano, representou 2.271 das novas vagas (cerca de 48% do saldo estadual), seguido pela Indústria (+783 vagas). Com esse resultado mensal, acumula-se no ano de 2025, um saldo total de 16.347 novos postos de trabalho.

Em outubro de 2025, as vendas reais da indústria recuaram em termos reais 5,61%, sobre setembro. O custo das operações industriais teve queda de 0,49% na mesma comparação. Por sua vez, o emprego industrial mostrou queda de 12,75%. A variável horas trabalhadas registrou alta de 0,95% frente a setembro. Ademais, a indústria alagoana manteve estável a utilização da capacidade instalada e alcançou 66%, excuso o setor Sucreenergético. A massa salarial industrial apresentou uma queda de 7,12% no mês de outubro em relação ao mês anterior.

OUTUBRO 2025

Variáveis	Out/25 - Set/24	Out/25 - Out/24	Acumulado do ano
 Vendas reais	↓ -5,61	↓ -23,62	↓ -11,66
 Custo das Operações Industriais	↓ -0,49	↑ 3,27	↑ 23,52
 Pessoal Empregado	↓ -12,75	↓ -9,93	↓ -10,83
 Horas Trabalhadas	↑ 0,95	↑ 2,46	↑ 1,22
 Remunerações pagas	↓ -7,12	↓ -11,8	↓ -10,73

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Vendas Industriais

O índice registrou uma queda na margem (-5,61%) em relação a setembro, aprofundando o cenário recessivo na comparação com outubro de 2024, quando o recuo foi expressivo (-23,62%). Com esse resultado, o setor industrial acumula uma perda de dois dígitos no ano (-11,66%).

A análise da venda industrial de Alagoas referente a outubro de 2025 evidencia um aprofundamento do viés recessivo na atividade produtiva, caracterizado por uma desaceleração disseminada que atinge tanto os índices agregados quanto segmentos estruturantes da economia local. A variável reflete o aprofundamento de um cenário desafiador, influenciado pela combinação de uma política monetária restritiva e gargalos nas cadeias produtivas de base. A Indústria alagoana registrou retração na margem (-5,61%) e uma queda acentuada na comparação interanual (-23,62%), acumulando perdas no ano (-11,66%). O desempenho foi penalizado pela elevada retração na indústria Química, mas repercute os efeitos do custo de capital de giro que inibiu a alavancagem operacional, expondo a fragilidade sistêmica do setor produtivo local. Destaca-se que mesmo excluindo o setor Sucroenergético, a indústria geral recuou na margem (-6,89%), evidenciando uma desaceleração que ultrapassa a sazonalidade agrícola.

O complexo Químico e suas cadeias derivadas enfrentam uma crise de oferta estrutural. O setor Químico liderou as perdas com retração mensal (-22,22%) e queda anual (-43,90%), reflexos diretos da desarticulação da cadeia de cloro-soda decorrente da paralisação da extração de sal-gema em Maceió. Essa ruptura de insumos básicos pode ter influenciado o setor de Borracha e Material Plástico, que registrou estagnação absoluta na margem mensal (0,00%), expansão anual (4,36%) e alta no acumulado (3,53%). Observa-se aqui uma assimetria, à medida que, enquanto a Construção Civil, grande consumidora de plásticos para acabamento e hidráulica, dispara na comparação anual (88,12%), a indústria plástica local não consegue capturar essa demanda aquecida. É possível que a falta de resinas locais tenha retirado a competitividade logística das fábricas alagoanas, que perdem market share para produtos importados de outros estados. O setor Editorial e Gráfica, que vinha em expansão no mês anterior, sofreu um revés significativo, caindo 25,48% na comparação mensal, embora ainda sustente alta de 11,30% no acumulado do ano.

Simultaneamente, o início da safra sucroenergética 2025/2026 gerou impactos na composição do índice. O setor Sucroenergético, embora estável na margem mensal (0,43%), colapsou na comparação anual (-52,53%) devido a irregularidades pluviométricas que atrasaram a moagem e reduziram a produtividade. Esse desempenho reflete ainda a cautela das usinas frente à maior volatilidade de preços do açúcar e etanol e o impacto de tarifas internacionais. Esse cenário de custos elevados do açúcar e a pressão inflacionária sobre a renda das famílias atingiram o setor de Alimentos e Bebidas. Segmento historicamente resiliente, a indústria alimentícia operou em contração na margem (-1,81%) e na comparação interanual (-2,51%), embora sustente o acumulado positivo (3,46%). A queda pode ser consequência da dificuldade de repasse de custos ao consumidor final e da restrição de crédito para estocagem, forçando um ajuste na produção.

Em contrapartida, alguns setores destoam do cenário recessivo. Além do desempenho da Construção Civil (1,81% no mês), a Indústria Mecânica sustenta crescimento anual elevado de 345,47%, sugerindo a maturação de investimentos industriais de longo prazo ou atendimento as demandas da safra açucareira. Por sua vez, na manufatura intermediária, a dicotomia permanece, visto que o setor de Material de Transporte teve uma alta mensal (22,56%) frente as demandas de serviços para o início da safra açucareira, mas amarga a maior queda acumulada do ano (-59,10%), enquanto o setor de Vestuário e Calçados avançou na margem (7,82%), beneficiado pela recuperação marginal da massa salarial e pela sazonalidade de fim de ano.

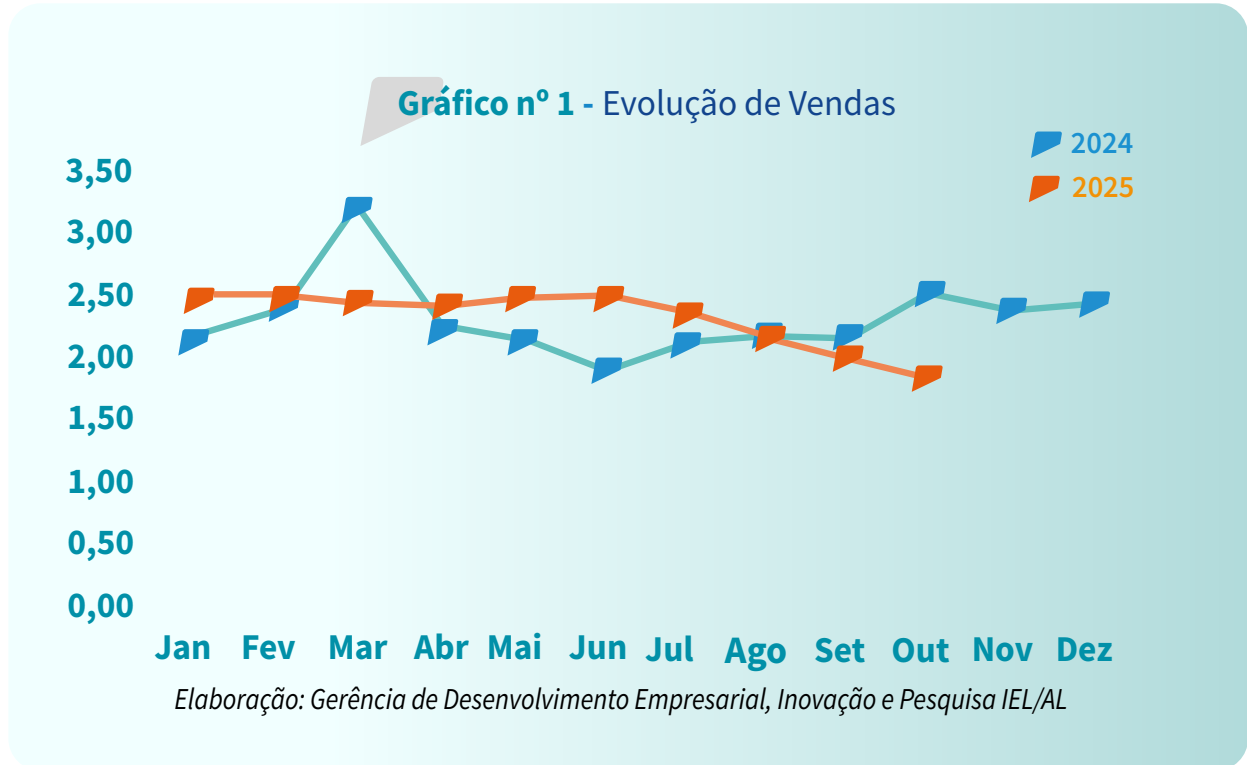


Tabela nº 1 - Variações (%) das vendas no mês de Outubro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Out/25 - Set/24	Out/25 - Out/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	(1,81)	2,51	3,46
Construção Civil	1,81	88,12	77,73
Têxtil	0,43	2,15	1,33
Minerais Não-Metálicos	2,03	9,59	7,78
Vestuário e Calçados	7,82	12,64	19,71
Material de Transporte	22,56	(34,52)	(59,10)
Editorial e gráfica	(25,48)	12,19	11,30
Madeira	0,43	(11,62)	(12,32)
Papel, Papelão e Celulose	0,43	2,15	1,33
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,00)	4,36	3,53
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	4,59	7,41	6,56
Química	(22,22)	(43,90)	(37,89)
Indústria Mecânica	0,43	345,47	341,93
Sucroenergético	0,43	(52,53)	(24,74)
Total Indústria Transformação	(5,61)	(23,62)	(11,66)
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(6,89)	(11,27)	(8,00)

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL



Custo de Operações Industriais

A leve retração marginal do indicador agregado (-0,49%) reflete preponderantemente a ociosidade produtiva, contrastando com um custo de operação que permanece 23,52% superior ao exercício anterior no acumulado do ano.

A análise da variável de custos das operações industriais em Alagoas referente a outubro de 2025 revela uma manutenção da tendência de correção marginal, contrastando com um acumulado anual de forte pressão sobre a produção. Na margem, o indicador agregado da Indústria apresentou uma ligeira retração (-0,49%), movimento que se aprofunda quando excluimos o setor Sucroenergético, registrando queda de 1,18%. É fundamental interpretar esse arrefecimento mensal com cautela à medida que não reflete necessariamente ganhos de eficiência ou produtividade, mas sim uma correlação direta com a desaceleração do volume produzido em setores-chave, indicando que a indústria reduziu seus custos variáveis simplesmente por estar operando com maior ociosidade.

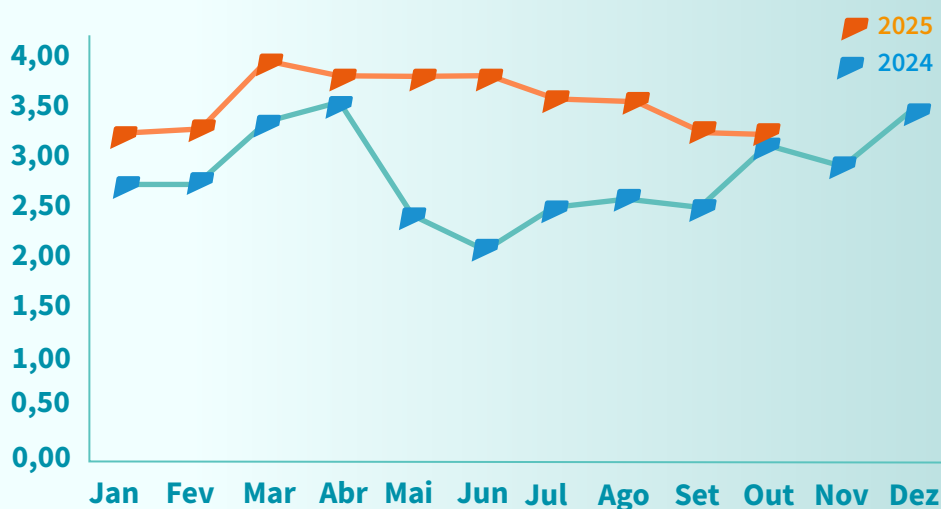
Entretanto, a visão estrutural de longo prazo expõe um cenário de custos extremamente onerado. Na comparação interanual, embora o índice geral mostre uma alta moderada (3,27%), o acumulado do ano revela que a indústria opera com custos de 23,52% acima do patamar de 2024. A situação é ainda mais crítica excluído o setor Sucroenergético em que a inflação de custos na comparação anual dispara para 20,13% e o acumulado atinge 31,02%. Esses dados confirmam que 2025 se consolidou como um ano de "custo Brasil" elevado para indústria alagoana, pressionado por insumos mais caros, energia e logística, mesmo diante de uma demanda final que demonstra sinais de arrefecimento.

Setorialmente, a discrepância nos vetores de custo é relevante. O segmento de Alimentos e Bebidas enfrenta um choque de oferta em seus insumos, com elevação mensal de 9,25% e uma intensidade na comparação anual de

271,99%, acumulando alta de 273,89%. Esse movimento sugere um repasse severo de preços de commodities agrícolas, possivelmente agravado por quebras de safra e desvalorização cambial que encarecem componentes importados, como trigo ou embalagens. Por outro lado, a Indústria Química registra um colapso nos custos, com queda mensal de 75,36% e anual de 94,18%. Contudo, essa redução drástica não é positiva; ela é sintomática da paralisação das plantas de cloro-soda e da interrupção da mineração de sal-gema em Maceió, evidenciando que os custos caíram porque a produção praticamente cessou.

Outros segmentos apresentam dinâmicas distintas ligadas ao ciclo de volatilidade. A Indústria Mecânica, coerente com sua expansão de vendas, viu seus custos subirem 187,14% na comparação anual e 156,96% no acumulado, reflexo do aumento de escala e consumo de aço e componentes para atender à demanda. Enquanto o setor Sucroenergético, em plena safra, registrou aumento marginal de custos (4,49%) devido à intensificação da moagem, mas apresenta queda anual expressiva de 47,50%, o que pode indicar uma safra menor que a anterior ou ajustes operacionais significativos nas usinas. Por fim, o setor Editorial e Gráfico passou por um ajuste severo, com redução de custos de 33,39% no mês, devolvendo as altas do período anterior e sinalizando o fim de ciclos de encomendas governamentais ou promocionais.

Nos segmentos de transformação intermediária, o cenário é de acomodação. O setor de Papel, Papelão e Celulose reflete estabilidade de custos na margem (0,43%) e variação nula no acumulado (0,24%), indicando um mercado sem volatilidade de commodities no período. Enquanto o segmento de Material de Transporte apresenta um comportamento atípico, à medida que, apesar da volatilidade nas vendas, seus custos permaneceram praticamente estagnados na margem (0,17%) e, curiosamente, registraram deflação na comparação anual (-3,51%). Este dado, contrastado com a alta acumulada de custos no ano (14,19%), pode sinalizar um ajuste de estoques ou uma redução na intensidade de produção, o que diminui o peso dos custos variáveis, em resposta à demanda deprimida do setor ao longo de 2025. O setor de Indústrias Diversas e Mobiliário segue tendência similar de estabilidade, com leve alta mensal (0,43%) e acumulada (2,31%), denotando um ambiente de custos previsível, porém com baixo dinamismo.

Gráfico nº 2 - Evolução dos Custos


Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 2 - Variações (%) dos custos no mês de Outubro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator: IPA/OG - FGV.

Gêneros	Out/25 - Set/25	Out/25 - Out/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	9,25	271,99	273,89
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	0,43	2,15	0,24
Minerais Não-Metálicos	4,21	14,79	2,67
Vestuário e Calçados	0,34	20,77	14,42
Material de Transporte	0,17	(3,51)	14,19
Editorial e gráfica	(33,39)	(8,30)	(1,40)
Madeira	-	-	-
Papel, Papelão e Celulose	0,43	2,15	0,24
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,30)	0,54	(2,96)
Metalúrgicas e Siderúrgicas	(0,43)	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	0,43	0,71	2,31
Química	(75,36)	(94,18)	(93,00)
Indústria Mecânica	0,43	187,14	156,96
Sucroenergético	4,49	(47,50)	(11,43)
Total Indústria Transformação	(0,49)	3,27	23,52
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(1,18)	20,13	31,02

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Nível de Emprego Industrial

O emprego industrial sofreu uma retração aguda na margem (-12,75%) e um recuo significativo na comparação interanual (-9,93%), acumulando perdas de 10,83% no ano.

A análise da variável emprego industrial na indústria alagoana em outubro de 2025 evidencia uma profunda dissonância estrutural entre o ciclo agroindustrial e o núcleo da manufatura de transformação. O indicador agregado da Indústria registrou uma retração severa na margem (-12,75%) e na comparação interanual (-9,93%), acumulando perda de postos de trabalho no ano (-10,83%). Entretanto, ao excluir os dados do setor Sucroenergético, o cenário se inverte drasticamente, ou seja, apresenta estabilidade positiva na margem (0,34%) e uma expansão robusta na comparação anual (13,95%), sinalizando que, suprimida a indústria do açúcar, o segmento industrial atravessa um ciclo de contratações, descolado da crise do açúcar.

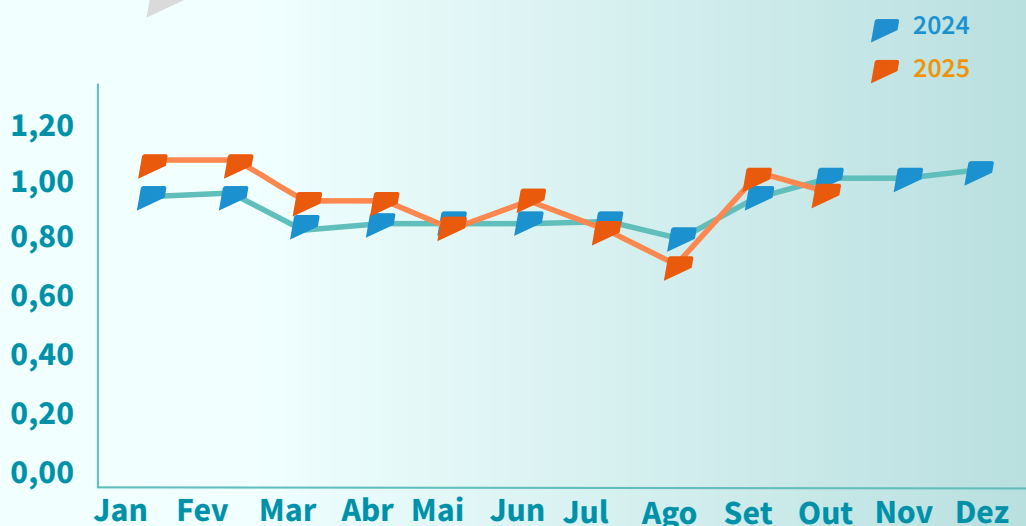
No mês, o vetor negativo é protagonizado quase integralmente pelo setor Sucroenergético, que registrou um corte abrupto de contingente na margem (-21,42%) e redução anual 23,49%. Este movimento atípico para um mês de outubro, historicamente um período de platô de safra, sugere o efeito da alta base de comparação do mês anterior. Em contrapartida, a Indústria Mecânica ratifica seu momento de positividade, visto que a estabilidade mensal (0,43%) sustenta um salto anual de 44,68% no quadro de funcionários e 50,50% no acumulado, confirmando que o aumento de vendas e custos visto anteriormente está alicerçado em uma expansão real da capacidade instalada e das equipes operacionais.

Nos segmentos voltados ao consumo interno, observa-se um movimento consistente de recomposição de força de trabalho, possivelmente antecipando a demanda de fim de ano. O setor de Produtos Alimentares e Bebidas destaca-se com alta de 0,48% no mês e expressivos 22,35% na com-

paração anual. Este dado é relevante pois, mesmo diante da pressão de custos de insumos, as empresas optaram por manter ou ampliar quadros, indicando expectativa de demanda resiliente. O setor de Vestuário e Calçados segue a mesma condição, com a maior alta mensal entre os bens de consumo (2,86%) e crescimento anual de 9,97%, movimento típico de contratação temporária para atender ao varejo natalino. Por sua vez, o segmento de Minerais Não-Metálicos, proxy da construção civil, manteve crescimento mensal (0,43%) e anual (9,97%), garantindo o suporte de mão de obra para abastecer as obras em andamento no estado. O setor de Material de Transporte, apesar de apresentar um ajuste negativo pontual no mês (-3,29%), mantém um saldo positivo no ano (4,25%), indicando que as empresas ainda sustentam um nível de emprego superior a 2024, apesar da volatilidade recente nas vendas.

Por fim, os gargalos estruturais continuam a impactar no nível de emprego de setores específicos. A Indústria Química mantém sua trajetória de encolhimento, com demissões na margem (-1,05%) e queda anual (-4,03%), um reflexo direto da desativação de plantas e da crise do sal-gema, que força o ajuste da estrutura operacional à menor disponibilidade de insumos. O setor Indústrias Diversas e Mobiliário, apesar de acumular saldo positivo no mês (0,43%), realizou um ajuste negativo de longo prazo (-2,36%), possivelmente uma correção frente à queda de vendas observada e à necessidade de adequar a produção à demanda represada por falta de crédito.

Gráfico nº 3 - Evolução do Quantitativo de Empregos



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 3 - Variações (%) dos funcionários no mês de Outubro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator: IPA/OG - FGV.

Gêneros	Out/25 - Set/25	Out/25- Out/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	0,48	22,35	20,22
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	0,43	2,15	0,24
Minerais Não-Metálicos	0,43	9,97	7,92
Vestuário e Calçados	2,86	9,95	7,90
Material de Transporte	(3,29)	6,23	4,25
Editorial e gráfica	0,43	2,88	0,24
Madeira	0,43	2,15	0,24
Papel, Papelão e Celulose	0,43	2,15	0,24
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	0,43	1,33	1,19
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	0,43	(0,51)	(2,36)
Química	(1,05)	(4,03)	(6,35)
Indústria Mecânica	0,43	44,68	50,50
Sucroenergético	(21,42)	(23,49)	(24,12)
Total Indústria Transformação	(12,75)	(9,93)	(10,83)
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	0,34	13,95	12,48

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Remunerações Brutas

O indicador agregado de remunerações brutas sofreu uma retração aguda na margem (-7,12%), aprofundando a deterioração do poder de compra na comparação interanual com uma queda de 11,84% e acumulando perda real de 10,73% ao longo do ano.

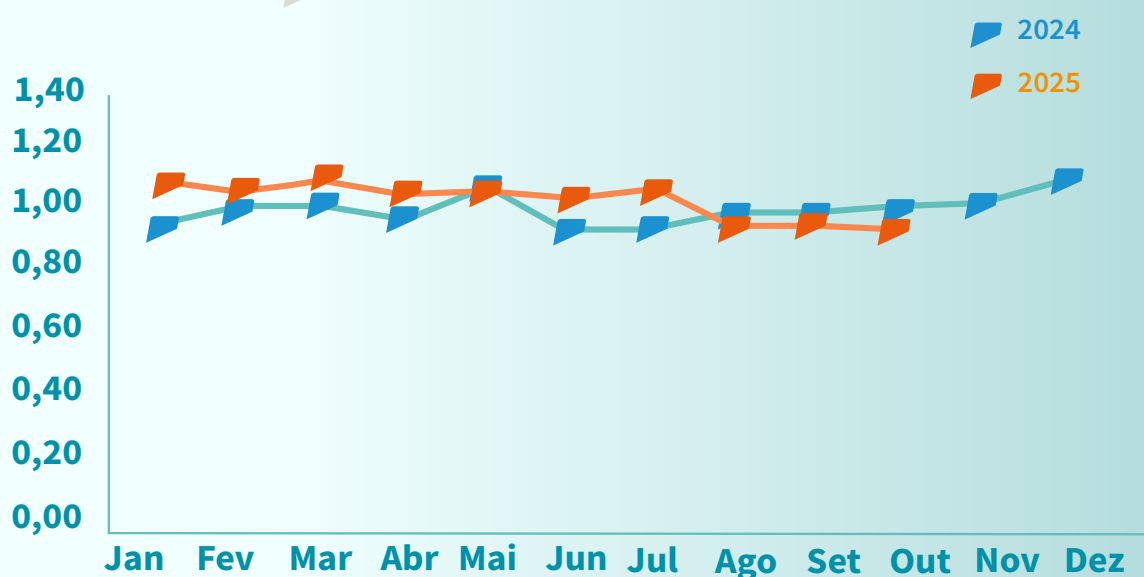
A análise da variável massa salarial na indústria de Alagoas em novembro de 2025 revela uma recuperação importante no rendimento agregado, contrastando com o cenário de forte compressão observado no mês anterior. O indicador global registrou uma expansão na margem de 1,05%, embora a base interanual ainda apresente uma retração de 11,94%, resultando em uma perda acumulada no ano de 9,52%. Ao desconsiderarmos o setor Sucreenergético, a massa salarial demonstra um fôlego superior, com alta mensal de 2,26%, indicando que a manufatura está conseguindo recompor parte do poder de compra, possivelmente pelo ajuste de remunerações e horas extras para atender à demanda de fim de ano.

Setorialmente, a dinâmica salarial reflete a heterogeneidade das estratégias composição de postos de trabalhos e pressões de mercado. O setor de Produtos Alimentares e Bebidas apresentou uma recuperação robusta com alta de 6,53% na margem, consolidando um crescimento acumulado de 16,77%, o que sugere uma recomposição salarial acima da inflação para suportar o aumento do volume de vendas. De forma similar, o setor de Vestuário e Calçados registrou um incremento significativo de 8,12% no mês e dispara na comparação interanual com 40,23%, refletindo as contratações temporárias com remunerações competitivas para o varejo natalino. No contraponto, a Indústria Mecânica, apesar de estabilidade marginal (0,00%), sustenta uma valorização extraordinária acumulada de 56,02%, coerente com a necessidade de atrair técnicos qualificados para sustentar sua expansão produtiva.

Por outro lado, alguns segmentos enfrentam ajustes severos ou estabilidade técnica. Os setores Têxtil, Editorial e Gráfica, Papel, Papelão e Celulose e a própria Indústria Mecânica mantiveram variações nulas de (0,00%) na margem mensal. O setor de Minerais Não-Metálicos, entretanto, apresentou uma retração atípica de 29,52% no mês, possivelmente devido ao fim de ciclos de pagamentos específicos, embora ainda preserve um saldo anual positivo de 16,11% e acumulado de 21,10%. O setor de Material de Transporte também recuou 3,60% na margem, mas mantém um acumulado de 11,20%, indicando resiliência na remuneração média apesar da volatilidade produtiva.

O maior impacto negativo estrutural continua sendo determinado pelo Complexo Químico. Embora tenha registrado uma alta mensal de 4,70%, o setor amarga um colapso interanual de -85,82% e acumulado de -84,21%, drenando recursos significativos da economia local devido ao fechamento de postos de alta remuneração. No Sucroenergético, observa-se uma leve retração de 1,15% na margem, alinhada à tendência de queda anual de 13,80%, o que aponta para uma folha de pagamentos mais enxuta nesta safra. Por fim, as Indústrias Diversas e Mobiliário realizaram um ajuste de -0,17%, acumulando perda de 2,08%, enquanto os setores de Madeira e Produtos de Matérias Plásticas e Borracha cresceram, respectivamente, 1,73% e 0,09% na margem.

Gráfico nº 4 - Evolução dos Salários



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 4 - Variações (%) dos salários no mês de Outubro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Out/25 - Set/25	Out/25 - Out/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	15,52	6,73	11,36
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	0,49	0,58	(0,17)
Minerais Não-Metálicos	3,32	67,67	70,76
Vestuário e Calçados	8,65	30,06	36,74
Material de Transporte	5,31	13,15	16,54
Editorial e gráfica	1,32	15,17	14,96
Madeira	0,49	0,58	(0,17)
Papel, Papelão e Celulose	0,49	0,58	(0,17)
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	0,49	5,30	1,31
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	0,49	(1,79)	(2,53)
Química	(84,79)	(85,90)	(85,09)
Indústria Mecânica	0,49	56,22	53,66
Sucroenergético	1,39	(12,44)	(12,80)
Total Indústria Transformação	(7,12)	(11,84)	(10,73)
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(11,22)	(11,51)	(9,55)

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL



Horas Trabalhadas

O volume de horas dedicadas à produção registrou crescimento consistente em todas as bases de comparação: alta de 0,95% na margem mensal, expansão de 2,46% na comparação interanual e incremento de 1,22% no acumulado do ano.

A análise do indicador de horas trabalhadas na produção em outubro de 2025 registra um aumento da intensidade operacional, configurando um cenário de maior utilização da capacidade instalada remanescente, que diverge do ritmo de contratações e vendas. O índice agregado registrou expansão em todas as métricas temporais, com avanço na margem de 0,95%, crescimento na comparação interanual de 2,46% e saldo positivo no acumulado do ano de 1,22%. Contudo, a robustez desse desempenho é significativamente ampliada ao se isolar o setor Sucrenergético, visto que o setor apresentou estagnação anual (0,47%) e retração marginal em outubro com queda de 0,21%. Como tal, sem o setor, a indústria revelou um dinamismo superior, com a intensidade de trabalho crescendo (1,97%) no mês e expressivos (4,26%) em relação a outubro do ano anterior, sinalizando possivelmente que os demais setores estão operando com jornadas maiores para compensar a menor base de funcionários ou atender a picos específicos de demanda.

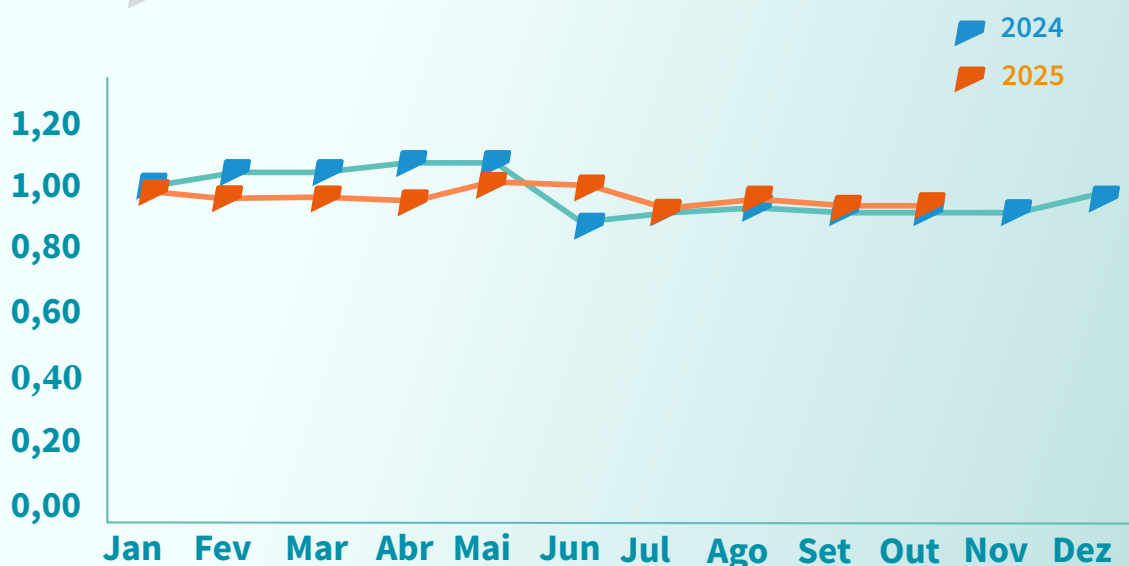
A Indústria Mecânica manteve a estabilidade mensal (0,43%) sobre uma base comparativa extremamente elevada, o que resulta em um salto interanual de 66,51% e acumulado de 62,99% nas horas trabalhadas, sugerindo a operação em turnos múltiplos para dar vazão à demanda por equipamentos e manutenção, em especial a indústria Sucrenergética. Em paralelo, o segmento de Minerais Não-Metálicos registrou aceleração na margem (1,14%) e forte alta anual (18,89%), corroborando um possível aquecimento da cadeia da construção civil que demanda maior volume de horas para a produção de cimento e cerâmica.

Outros segmentos apresentaram movimentos de correção atípicos ou ajustes de curto prazo. A Indústria Química, apesar de enfrentar um colapso estrutural no acumulado do ano (-20,44%), apresenta elevação mensal de 10,30% nas

horas trabalhadas, indicando possivelmente a retomada pontual de alguma linha de produção ou paradas intensivas para manutenção, sem que isso reverta a tendência de queda anual (-18,64%). O setor Editorial e Gráfico também exibiu recuperação na margem (5,37%), embora permaneça em profunda retração anual (-18,20%). Em contrapartida, o setor de Material de Transporte sinalizou um desaquecimento abrupto da atividade fabril, com a maior queda mensal entre os analisados (-9,82%), revertendo a tendência positiva e recuando no acumulado (-4,64%), o que alerta para uma possível paralisação de linhas de montagem diante da retração de mercado.

Por fim, setores que enfrentavam dificuldades estruturais mostraram sinais heterogêneos de reação. A indústria de Indústrias Diversas e Mobiliário registrou um importante ganho de ritmo na margem, com expansão de 2,13% nas horas trabalhadas, embora ainda opere abaixo do patamar do ano anterior no acumulado (-2,36%). No segmento de insumos industriais, o setor de Produtos de Matérias Plásticas e Borracha destaca-se por uma vigorosa recuperação de curto prazo, registrando um salto de 4,90% nas horas trabalhadas em outubro frente a setembro. Este movimento foi suficiente para reverter a tendência negativa e garantir estabilidade no acumulado do ano (0,46%), sinalizando uma possível reposição de estoques para atender a demanda de fim de ano. Enquanto o segmento de Papel, Papelão e Celulose segue uma trajetória de estabilidade técnica, com variações idênticas às do setor têxtil e madeira (0,43% no mês e 2,15% no ano), refletindo um comportamento inercial atrelado à atividade econômica geral.

Gráfico nº 5 - Evolução da Quantidade de Horas Trabalhadas



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 5 - Variações (%) das horas trabalhadas no mês de Outubro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Out/25 - Set/24	Out/25 - Out/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	0,50	2,92	1,39
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	0,43	2,15	0,24
Minerais Não-Metálicos	1,14	18,89	10,81
Vestuário e Calçados	(0,49)	(7,58)	(11,50)
Material de Transporte	(9,82)	(2,82)	(4,64)
Editorial e gráfica	5,37	(18,20)	(20,40)
Madeira	0,43	2,15	0,24
Papel, Papelão e Celulose	0,43	2,15	0,24
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	4,90	0,53	0,46
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	2,13	(0,51)	(2,36)
Química	10,30	(18,64)	(20,44)
Indústria Mecânica	0,43	66,51	62,99
Sucroenergético	(0,21)	0,47	(0,86)
Total Indústria Transformação	0,95	2,46	1,22
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	1,97	4,46	3,11

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL



Capacidade Instalada

A Utilização de capacidade instalada apresentou estabilidade e alcançou 66%, exceto o setor sucroenergético. Com o impacto das horas trabalhadas na produção, variável segue em estabilidade nos últimos meses.

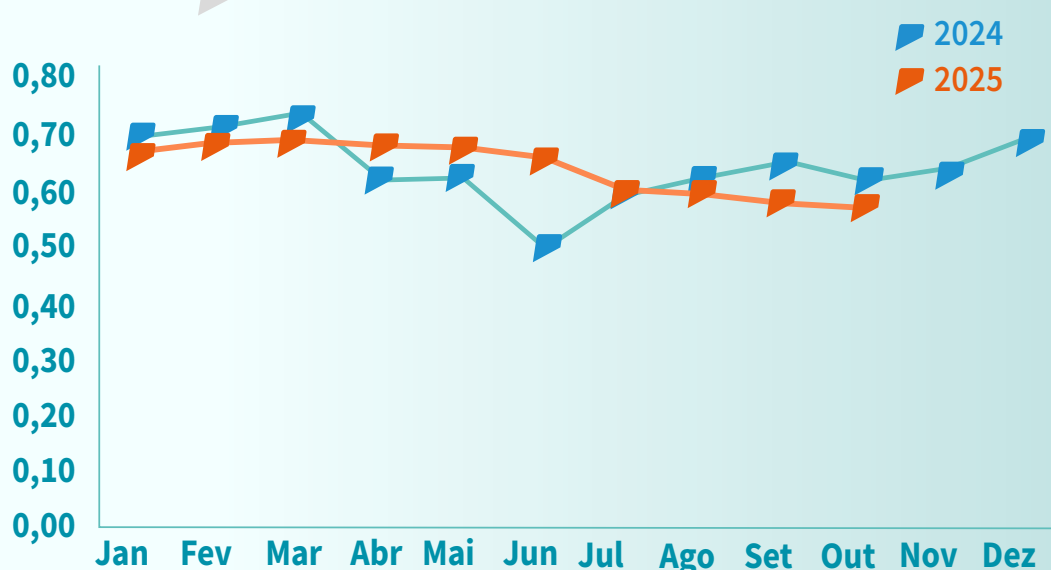
A análise da Utilização da Capacidade Instalada da indústria alagoana em outubro de 2025 expõe uma dicotomia estrutural entre a retração estatística do índice geral e a resiliência operacional do núcleo manufatureiro. O indicador agregado recuou para um patamar crítico de 56%, o menor registro para o mês na série recente, ficando abaixo de 2024 (63%) e distante do pico de 2023 (75%). No entanto, este dado é estatisticamente enviesado pela dinâmica de setores específicos. Ao se isolar o componente sucroenergético, observa-se que a indústria sustenta uma ocupação de 66%, repetindo o desempenho do mês anterior e superando levemente o ano passado (65%). Isso evidencia que, excluindo os choques pontuais de safra e do setor químico, o parque industrial opera com estabilidade e até ligeiro aquecimento em segmentos voltados ao mercado interno.

A desagregação setorial revela que a maior contribuição do indicador no mês é a redução da produção da Indústria Química. A UCI deste segmento despencou para 23%, um nível de ociosidade de quase 80%, contrastando com os 44% de 2024 e os 75% de 2023. Esse movimento confirma o desmonte da capacidade produtiva local, ou seja, efeito Braskem, em que as plantas remanescentes não conseguem absorver a demanda, gerando um gap industrial que impacta a média geral. Paralelamente, o setor Sucroenergético frustra a expectativa de sazonalidade positiva à medida que opera com 64% da capacidade, o setor ficou abaixo dos 69% do ano anterior e estagnado em relação a setembro, indicando que a moagem não atingiu a velocidade esperada para o pico da safra, possivelmente devido a quebras na produtividade agrícola ou atrasos na colheita ou condicionantes do impacto tarifário.

Em contrapartida, observa-se um cenário de quase saturação produtiva na cadeia da construção. O setor de Construção Civil opera no limite técnico com 89% de utilização, sustentando o nível elevado de 2024 (88%), o que traciona a cadeia de suprimentos a montante, ou seja, a indústria de Minerais Não-Metálicos atingiu 68% de ocupação, superando significativamente os 62% do ano anterior. Esse dinamismo transbordou para a Indústria Mecânica, que vive uma mudança de patamar estrutural à medida que sua utilização saltou para 55%, mais que dobrando a ociosidade excessiva registrada em outubro de 2024 (27%), reflexo direto da demanda por manutenção pesada e bens de capital gerada pelas obras de infraestrutura e saneamento no estado.

Nos bens de consumo, a indústria de Vestuário e Calçados destaca-se pelo aquecimento vigoroso, operando com 83% da capacidade instalada, significando um avanço expressivo frente aos 73% de 2024 e 66% de 2023, sugerindo que as fábricas estão maximizando turnos para atender aos pedidos de fim de ano. Já o setor de Produtos Alimentares e Bebidas demonstra estabilidade, mantendo a UCI inalterada em (72%) tanto na comparação mensal quanto anual, garantindo um fluxo de produção constante independentemente da volatilidade de outros segmentos. Por fim, o setor de Material de Transporte, apesar da queda recente nas vendas, elevou sua utilização para 49%, recuperando o nível de 2024 (49%) após uma queda em 2022 (20%), indicando um ajuste de estoques sem desmobilização fabril.

Gráfico nº 6 - Evolução da Capacidade Instalada



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 6 - Utilização da Capacidade Instalada em Outubro entre os anos.

	Out/22	Out/23	Out/24	Set/25	Out/25
Gênero Industrial	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Produtos Alimentares e Bebidas	68%	71%	72%	72%	72%
Construção Civil	92%	91%	88%	89%	89%
Têxtil	43%	62%	62%	62%	62%
Minerais Não-Metálicos	60%	64%	62%	68%	68%
Vestuário e Calçados	66%	66%	73%	82%	83%
Material de Transporte	20%	40%	49%	45%	49%
Editorial e gráfica	68%	66%	65%	65%	65%
Madeira	64%	61%	61%	61%	61%
Papel, Papelão e Celulose	81%	49%	59%	59%	59%
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	74%	73%	75%	87%	87%
Metalúrgicas e Siderúrgicas	63%	74%	75%	75%	75%
Indústrias Diversas e Mobiliário	69%	60%	61%	58%	62%
Química	74%	75%	44%	31%	23%
Indústria Mecânica	68%	47%	27%	55%	55%
Sucroenergético	68%	80%	69%	64%	64%
Total Indústria Transformação	68%	75%	63%	58%	56%
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	66%	65%	65%	66%	66%

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

23
**ELABORAÇÃO
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E
PESQUISA - FIEA/IEL**
GERENTE

ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS

 JULIAN PEDRO MOISÉS DA SILVA
 KARINE FERREIRA DOS SANTOS
 MARIA LUIZA LEAL DA SILVA
 PABLO HENRIQUE COSTA FRANCIOLLY FONSECA
 RUAN WESLEY DE BARROS SILVA

ANALISTA

MORGANA MARIA MACHADO MOURA

CONSULTORA

DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS

AUTOR

REYNALDO RUBEM FERREIRA JÚNIOR

DIAGRAMAÇÃO

EMILLY KAROLLINY CARDOZO DA FONSECA

**INSTITUTO EUVALDO LODI -
IEL**
DIRETOR REGIONAL

JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE

HELVIO BRAGA VILAS BOAS

**GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL,
INOVAÇÃO E PESQUISA**

ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS - FIEA**
PRESIDENTE

JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE

JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

DIRETOR EXECUTIVO

WALTER LUIZ JUCA SÁ

GERENTE UNITEC

HELVIO BRAGA VILAS BOAS